



Teatro Académico de Gil Vicente

Praça da República
3000-342 Coimbra, Portugal

teatro@tagv.uc.pt
+351 239 855 630

Receção
segunda a sexta — 14h00 às 19h00
239 855 630
teatro@tagv.uc.pt

Bilheteira
segunda a sábado — 17h00 às 22h00
239 855 636
bilheteira@tagv.uc.pt, tagv.bol.pt e FNAC

Em espetáculos a realizar fora do horário de funcionamento, a bilheteira abre 1h00 antes dos mesmos, encerrando 30 minutos após o seu início.

Descontos para os espetáculos assinalados aplicam-se a menores de 25 anos, estudantes, comunidade Universidade de Coimbra, maiores de 65 anos, grupo ≥ 10, desempregados e parcerias TAGV.

Café TAGV
seg a sáb — 14h00 às 01h00
239 052 563

Os lugares A23 e A24 situados ao lado da zona PMR (pessoas de Mobilidade Reduzida) são reservados, até 3 dias antes do dia do evento, para acompanhantes PMR e deverão ser solicitados na bilheteira local através do endereço bilheteira@tagv.uc.pt ou pelo telefone 239 855 630 (14h00 às 19h00) e bilheteira 239 855 636 (17h00 às 22h00).

TAGV é uma estrutura da Universidade de Coimbra

Temporada 2018/19 jan — fev

Diretor Fernando Matos Oliveira
Diretora adjunta Luísa Lopes

Administração António Patricio

Comunicação
Coordenação Marisa Santos
Fotografia e Centro de Dramaturgia
Contemporânea Cláudia Morais
Apoio à divulgação Vicente Paredes

Produção
Coordenação Elisabete Cardoso
Cláudia Morais

Diretor técnico José Martins

Equipa técnica
Luz Celestino Gomes, João Conceição
Sonoplastia e audiovisual José Balsinha
Som Mário Henriques
Projeção João Silva
Carpintaria cénica Laurindo Fonseca
Maquinaria de cena João Silva, Laurindo Fonseca
Auxiliar técnico Rui Ventura

Frente de casa Rosa Maria Marques
Bilheteira Catherine Carvalho, Inês Patricio, Vicente Paredes

Assistência de sala
André Gomes, Andreia Silva, Catherine Carvalho, Fábio Costa, Hélder Rodrigues, Inês Patricio, João Correia, Joana Amado, Joana Pereira, João António Rico, Lurian Klein, Pedro Vaz, Raquel Couto, Vicente Paredes

Limpeza
Coordenação Antónia Mimoso
Ana Moniz

Design gráfico Bürocratik

PERFORMANCE
TER • 21H30

22
JAN

1H30 • M6

MB#6 (2018)

De e Com Miguel Bonneville
— Performance, Agora!

Direção e interpretação Miguel Bonneville
Co-criação Isadora Alves, Joana Craveiro, Isabela Figueiredo, Maria Gil, Carlota Lagido, Joana Linda, Mariana Sá Nogueira, Rita Só, Cláudia Varejão, Sara Vaz
Edição vídeo Joana Linda
Produção Cristina Correia, Vanda Cerejo-Teatro do Silêncio

Coprodução FITEI, Festival Temps d'Images
O Teatro do Silêncio é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa-Cultura/Direção-Geral das Artes
Fotografia Joana Linda
Local auditório TAGV (lotação limitada)



Falar da vida é uma outra coisa....

As pessoas só ficam realmente interessantes quando começam a sacudir de si o seu “eu”. Até aí, são de um profundo desinteresse. Deste expulsar-se resulta o seu aparecimento no outro que até aí era simples biografia: pura história de tudo aquilo que ocorre. Dez anos após a estreia da primeira versão de **MB#6**, Miguel Bonneville regressa numa nova versão em que um conjunto de mulheres rompe com a sua personalidade ao dissolver os fantasmas que suturam a sua vida – os sofrimentos insuportáveis – para que o corpo se possa libertar e para que enfim consiga pensar-se e fazer o outro pensar. Os fragmentos de vida relatados por cada uma delas não são a história. Na realidade, na sua narração percebe-se que uma vida tem pouco de história, que é feita acima de tudo por muitos mais momentos de não história do que de história. As mulheres que participam do **MB#6** falam de blocos de afectos, daquilo de que não há memória, do que “não ocorreu” e até daquilo que podia ter ocorrido mas que por muitos motivos não chegou a ocorrer. É isso que as impele a falar e a expulsar-se de si. E nesse percurso falado descobrem-se, destapam-se violentamente (não há “destapar” que não seja violento) porque aquilo que recuperam ao expor-se não advém da memória, mas dos afectos. É pois em função do relato-afecto do outro que Bonneville procura tomar consciência do seu “eu-afecto” e assim potenciar a produção de novos “eus”. Ao querer pensar o outro pela diferença-em-si, o artista espreita a oportunidade de misturar-se de tal forma nos relatos proferidos e dobrados, que ele próprio se dobra/desfaz, e é nessa estranheza do seu corpo, na estranheza da sua voz, da sua mão, do seu rosto que perde o limite e conquista o seu “fora”, o seu próprio devir-outro: génese de criação. Afastado do domínio do “eu” – da história pessoal – a questão agora é pensar que cada relato ouvido é um motivo, um bloco de afectos que pertence a cada ouvinte de acordo com as suas relações características a que mais tarde irá cessar de pertencer, porque posteriormente passará para uma outra relação que caracterizará outros corpos. Falar da vida é outra coisa...é algo que surge sempre inacabado tal como a performance que para Bonneville deve permanecer sempre inacabada...

— Pedro Arrifano

Miguel-Bonneville (Porto, 1985) introduz-nos a histórias autobiográficas centradas na desconstrução e reconstrução da identidade através de performances, desenhos, fotografias, vídeo, música e livros de artista. Desde 2003 tem apresentado o seu trabalho em galerias de arte e festivais nacionais e internacionais, sobretudo os projectos seriados 'Family Project', 'Miguel Bonneville' e 'A Importância de Ser'. Concluiu os cursos de 'Interpretação' na Academia Contemporânea do Espectáculo (2000-2003), 'Artes Visuais' na Fundação Calouste Gulbenkian (2006), 'Autobiografias, Histórias de Vida e Vidas de Artista' no CIES-ISCTE (2008), 'Arquivo – Organização e Manutenção' no Citeforma (2013), 'Costurar ideias' na Magestil (2013), e 'Cyborgs, Sexo e Sociedade' na FCSH (2016). Recebeu o Prémio Ex Aequo (2015) pelas performances 'Medo e Feminismos', em colaboração com Maria Gil, e 'A Importância de Ser Simone de Beauvoir'.

Cláudia Varejão, realizadora e fotógrafa. O seu trabalho, tanto no cinema como na fotografia, documentário ou ficção, vive da estreita proximidade que a autora estabelece com as suas personagens e das possibilidades narrativas que surgem desse encontro.

Isadora Alves, atriz. Estudou na ACT - Escola de Actores, na Escola Superior de Teatro e Cinema e na Universidade de São Paulo. Apresentou o monólogo "Não Eu de S.Beckett", em Lisboa e São Paulo. Trabalhou com encenadores como Maria Duarte e António Pires.

Sara Vaz, bailarina e coreógrafa. Fez a sua formação no Conservatório Nacional de Dança de Lisboa e na École de Danse de Genève. Fez parte do Núcleo de Formação da EIRA orientado por Carlota Lagido e Francisco Camacho. Frequentou o curso Ex.er.ce no Centro Coreográfico de Montpellier onde iniciou uma colaboração com a coreógrafa Olga Mesa.

Carlota Lagido, bailarina, coreógrafa, figurinista, professora de dança contemporânea e design de cena. O seu trabalho como coreógrafa tem características multidisciplinares. Aborda questões de identidade e contextos autobiográficos.

Isabela Figueiredo, jornalista, professora e escritora. Foi jornalista no Diário de Notícias, e é professora de Português. Participa em seminários e conferências sobre as suas principais áreas de interesse: estratégias de poder, de exclusão/inclusão, colonialismo dos territórios, géneros, corpo, culturas e espécies.

Joana Craveiro, encenadora, atriz, dramaturga. Fundadora e diretora artística do Teatro do Vestido. Doutorada pela Roehampton University, no departamento de teatro e estudos performativos, com a tese-espectáculo "Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas".

Joana Linda, realizadora e fotógrafa. Estudou Ciências da Comunicação e da Cultura na Universidade Lusófona. Realizou as curtas-metragens "Layla e Lancelot" (DocLisboa16) e "Em cada Lar Perfeito um Coração Desfeito" (IndieLisboa13), entre outros projetos pessoais, assim como colaborações, na área do cinema e da video-arte.

Mariana Sá Nogueira, figurinista. Especialista em Teatro/Design de Cena. Formada em Design de Cena na Escola Superior de Teatro e Cinema, e em Design de Moda no Central St. Martins College of Art. Leciona a disciplina de Design de Cena/Figurinos da Licenciatura em Teatro, ESTC. Dirige, com Paula Sá Nogueira, a companhia de teatro Cão Solteiro.

Rita Só, atriz, performer e dj. Viveu e trabalhou entre Lisboa e Berlim nos últimos doze anos (2005-2017). Trabalhou com a companhia O Olho, Carlota Lagido, Mónica Calle, entre outros. A música produzida no continente africano tem sido o seu mais recente objeto de pesquisa.

Maria Gil, atriz e encenadora. Licenciou-se em Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e realizou um MPhil em Performances Autobiográficas na Universidade de Glasgow. Cria espetáculos que têm como ponto de partida premissas autobiográficas e histórias de pessoas e de lugares, que recolhe, cruza e ficciona, para construir uma poética do quotidiano.

Próximo evento

CINEMA
QUI 10H00
(ESCOLAS)
QUI E SEX
18H30/21H30

24
JAN

|

26
JAN

ENTRADA GRATUITA

CineEco

— Festival Internacional de Cinema
Ambiental da Serra da Estrela